

JAPÃO

COBERTURA COMPLETA

**O ADEUS A
HIROHITO**

SÃO PAULO

S.O.S. TIETÊ

Amazônia

**OS ÍNDIOS
VÃO À GUERRA**

A índia Tuira, dos caiapós, ameaça com um facão o diretor da Eletronorte. Momento de tensão no encontro indígena de Altamira.

Nº 1.925 • RIO DE JANEIRO, 11 DE MARÇO DE 1989

medicina

**AIDS AS DROGAS
DA ESPERANÇA**

**TRÁFICO DE BEBÊS
A CONEXÃO BRASILEIRA**

uma publicação
bloch

NCz\$ 2,00

AMAZÔNIA / A BA



TALHA DE ALTAMIRA

Reportagem de Cláudio Accioli ● Fotos de Carlos Humberto TDC

Manchete

De um lado, índios, ecologistas, deputados *verdes*, congressistas de vários países e, a distância, chefes de governo estrangeiros. Do outro, o próprio governo brasileiro e entidades ruralistas interessadas no progresso tecnológico da Amazônia. Quem está com a razão? No rastro do assassinato do seringueiro e ecologista Chico Mendes, o I Encontro das Nações Indígenas do Xingu, que movimentou a cidade de Altamira (PA), se converteu em um fórum internacional sobre a questão da Amazônia. No calor dos debates, houve de tudo. O estopim: a construção de uma usina hidrelétrica em plena selva que inundaria as terras de dezenas de tribos. Pintados a caráter e em trajes de combate, os caiapós mostraram visível disposição de luta. A dança da guerra (foto) não deixou dúvidas.

SEGUE





**CARA A CARA COM O REPRESENTANTE DO GOVERNO,
TUÍRA MOSTRA A SUA ARMA: UM CONVINCENTE FAÇÃO**

Tuíra é o nome de uma índia que mora perto de São Félix do Xingu, no sul do Pará. Tem 23 anos e seu maior sonho na vida é ver a filha Iredjô (com ela, na foto menor) crescer livre e bem-formada. Tuíra teme que isso não



aconteça e, como guerreira da tribo Caiapó, resolveu lutar. Afinal, dentro de pouco tempo ela poderá ser uma cacique, símbolo máximo de coragem e liderança de seu povo. No último dia 21, Tuira deixou perplexos os

participantes da reunião indígena com um gesto tão decidido quanto inusitado: ágil, Tuira encostou seu facão no rosto do diretor da Eletronorte, José Muniz Lopes, que coordena os estudos para a implantação da hidrelétrica

no rio Xingu. O facão de Tuira ficou famoso: a sua investida se transformou numa espécie de logotipo internacional do Encontro de Altamira.



Nem tudo foi luta no Encontro de Altamira. No intervalo dos debates, os índios se entregaram à vida natural dos igarapés da região.

NO CHOQUE DO PROGRESSO, OS ÍNDIOS NÃO ABREM MÃO DA NATUREZA MAS NÃO TEMEM A TECNOLOGIA

“Só queria que o governo soubesse que existimos, prestasse atenção na gente. Não ia usar a faca, porque não se deve matar alguém por estar errado. Deve-se ensinar a ele boas coisas”, disse a guerreira Tuíra após o episódio que ganhou os jornais do mundo. Ensinar, por exemplo, que os territórios são para eles sítios sagrados, muito mais que meras referências geográficas, solo ou subsolo. Lá estão seu berço, heróis e parentes — rios, florestas e animais. Ensinar — na didática rude de Tuíra — que projetar hidrelétricas nas terras indígenas significa não apenas ameaçá-los fisicamente. Corresponde a pôr em risco o que tem de mais precioso: sua identidade.

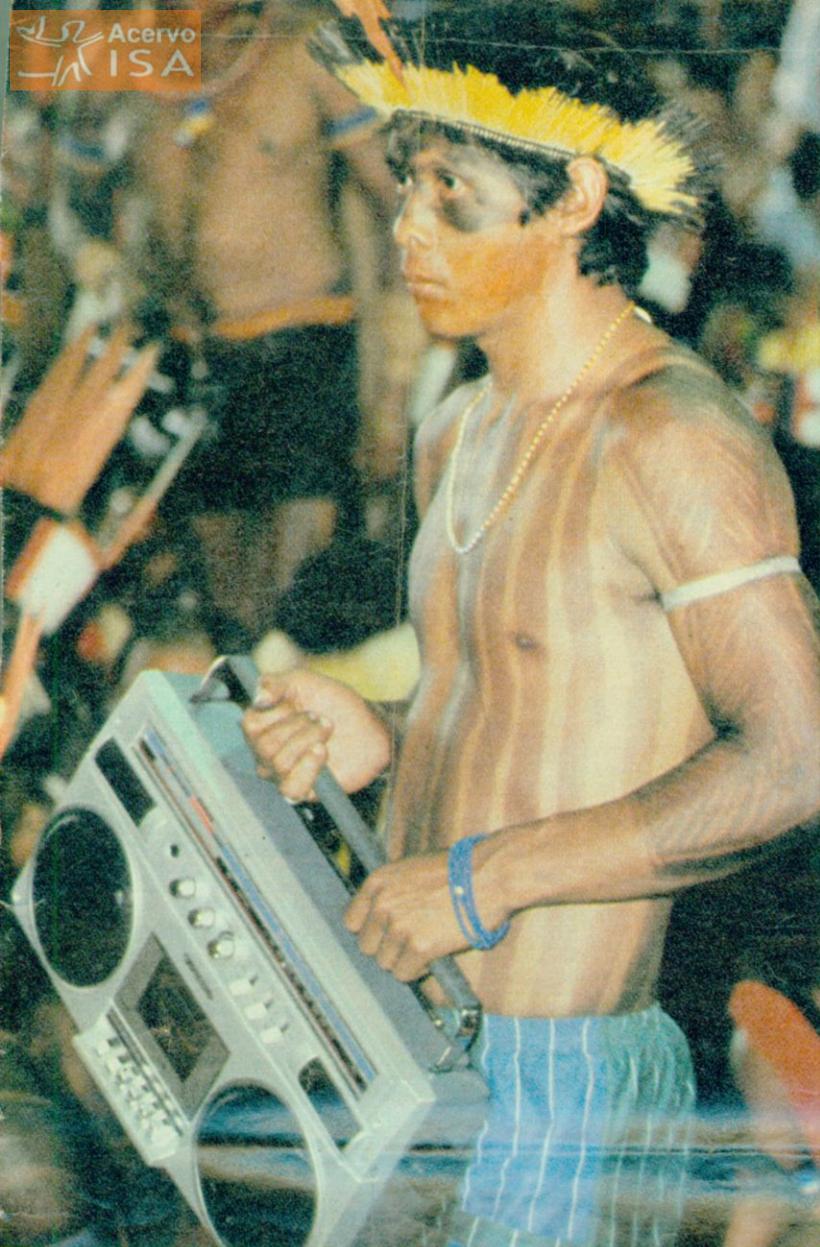
Mesmo assim, os índios acham que os seus territórios do Xingu correm perigo. Uma a uma, todas as tribos do país compreenderam isto no decorrer dos anos de 87 e 88 quando, organizadas, defenderam seus interesses junto à Assembléia Constituinte, e conquistaram um capítulo próprio na atual Constituição. Através daquela mobilização inédita, tiveram acesso aos primeiros mapas que desenhavam os planos energéticos do governo para a Amazô-

nia. E, com tristeza, descobriram que a Volta Grande do rio Xingu era o principal alvo de um grande complexo de seis usinas hidrelétricas — Kararaô, Babaquara, Iriri, Ipixuna, Kokraimoro e Jarina. O líder dos Txucarramãe, cacique Raoni, chegou a achar que não era real: “Nas nossas terras, sem nos consultar?”, duvidou. Mas era. O complexo já foi descartado, segundo a Eletronorte, “temporariamente”. Menos uma usina: Kararaô, que, caprichosamente, é o grito de guerra indígena. Os índios decidiram aceitar o desafio do grito, só que resolveram partir para a guerra usando a mesma arma do adversário: a pressão política. Aliás, eles já vinham fazendo isso há algum tempo, sem que muitos percebessem. Em 1985, articularam-se para expulsar o garimpo Maria Bonita, instalado dentro da aldeia Gorotire, da tribo Caiapó, próxima ao Município de Redenção, no Pará. Anos mais tarde, impediram que o governo despejasse lixo atômico na serra do Cachimbo, onde existe uma grande reserva indígena. A experiência rendeu frutos. Diante da nova ameaça, agora representada pelas águas, os índios perceberam que precisavam dar uma demonstração de unidade política jamais vista pelos brancos.

Quem vislumbrou isso foi o cacique Bep-Kororoti Payakan — ou Paulo Payakan, para os mesmos “brancos” —, uma líder cayapó de 35 anos de idade, forjada na aldeia Aukre, a mesma de sua sobrinha, Tuíra. Em janeiro de 88, acompanhado de Kube-I, também um caiapó, ele estava nos Estados Unidos pressio-

nando o Congresso e o Banco Mundial para não fornecerem financiamentos para a construção de hidrelétricas na Amazônia. Em agosto do mesmo ano, ambos foram alvo de um processo — já anulado — com base na Lei dos Estrangeiros, sob a acusação de estarem prejudicando os interesses do país. Três meses depois, exatamente no dia 2 de novembro, Payakan, sem dúvida a maior referência política atual, não só dos caiapós mas de todas as nações indígenas, jogou sua cartada decisiva. Encontrou-se com Marcos Terena e Ailton Krenak, coordenadores da União das Nações Indígenas e principais elos de ligação entre índios e brancos — e expôs a idéia de prevenir todas as tribos, juntas, do perigo iminente das usinas hidrelétricas. Como resultado, promoveram a mais impressionante manifestação política indígena de que já se teve notícia. Durante cinco dias, reuniram 630 índios de 39 nações — desde o sudeste até a fronteira com a Venezuela, passando pelo litoral do Nordeste — na Chácara Betânia, sede do Centro de Formação da Prelazia do Xingu, a 6km de Altamira. O encontro juntou artistas, ecologistas, parlamentares brasileiros e estrangeiros, representantes de nações indígenas dos EUA, Canadá e México. Representantes, enfim, da grande comunidade ecológica internacional.

O guerreiro caiapó alivia as tensões com um refrigerante gelado, enquanto a pequena nativa curte seu relógio. A fusão de culturas predominou.



Silvícolas até certo ponto. Enquanto um índio gravava tudo em seu aparelho portátil, dois outros filmaram o evento em videocassete.



Os índios brasileiros compareceram com seus principais líderes: Payakan; seu tio Tuto-Pombo, principal guardião da nação Kayapó; os caciques Raoni e Megaron; o líder Davi Yanomami, prêmio *Global 500* da ONU, no ano passado; além de Marcos Terena e Ailton Krenak. Os brancos, não.

O Presidente José Sarney; os titulares dos Ministérios das Minas e Energia e Interior, em novembro do ano passado; os presidentes da Eletrobrás, Eletronorte e Funai; e o governador do estado do Pará, convidados formalmente, não compareceram ao encontro. “Nós viemos com adultos, eles com crianças”, ironizou Krenak, referindo-se aos representantes enviados. Mesmo ausente, Sarney recebeu um recado do cacique Raoni: “Se o chefe do branco, que se chama Sarney, continuar com plano de barragem, vou fazer guerra contra ele”, ameaçou. A atenção dos índios está, agora, firmemente voltada para o Congresso, que tem a última palavra sobre a questão. “Neste Encontro dos Povos Indígenas do Xingu, decidimos vigiar as ações do governo para impedir mais destruição, juntar forças com o Congresso Nacional e com o povo brasileiro, para juntos protegermos essa importante região do mundo, nossos territórios”, atesta a Declaração Indígena de Altamira, liberada ao final do encontro. A primeira vitória — simbólica mas sintomática — já aconteceu: Kararaó, ainda no papel, mudou de nome. Passou a se chamar Belo Monte.

Toda esta agitação, como não poderia deixar de ser, elevou em vários graus o nível de tensão em Altamira, que já não era baixo. Desde as primeiras notícias sobre o encontro, a cidade ficou literalmente coberta de cartazes, faixas e pichações pró e contra a barragem. O maniqueísmo, aliás, era uma característica marcante entre a população. Como em todas as questões apaixonantes, houve, na verdade, pouco interesse em se discutir alternativas que aproximassem pontos de vista opostos.

SEGUE



Na paz da Chácara Betânia, os índios se dedicavam ao artesanato e práticas domésticas como o preparo e aplicação de pintura corporal.

ALTAMIRA REUNIU AS TENDÊNCIAS OPOSTAS NA QUESTÃO AMBIENTAL. TODO MUNDO SE ASSUMIU

A favor da usina, atuavam, basicamente, os grandes proprietários de terras, sob a chancela da UDR (União Democrática Ruralista), a Associação Comercial local e entidades como o Lions e o Rotary. Todos eles estão aglutinados na sigla MOPROK (Movimento Pró-Kararaô), que assina as manifestações do grupo, mas que agora, com a troca do nome da usina, terá que ser modificada. Na "resistência", estão os índios, apoiados por ecologistas, Igreja, Sindicato dos Trabalhadores Rurais, artistas e partidos políticos, geralmente de esquerda. Os parlamentares presentes, após entregarem exemplares da Constituição a Raoni e Payakan, divulgaram um documento, expressando sua solidariedade aos índios: "A continuidade da luta da comunidade indígena é essencial para a construção da democracia no Brasil", diz o texto, assinado pelos deputados federais Fábio Feldmann, Ademir Andrade, Benedita da Silva, Haroldo Lima, Otávia Elísio, Tadeu França e Néilton Friedrich.



Nunca a pacata Altamira viu coisa igual. Ecologistas do país inteiro tomaram de assalto a cidade, protestando contra a barragem.



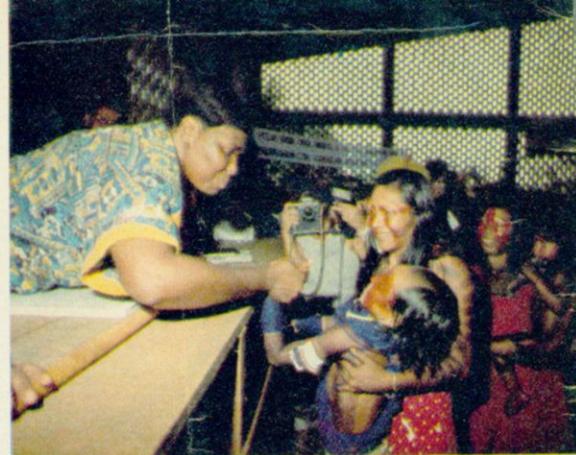
O outro verso da medalha: peões da União Democrática Ruralista em frente do outdoor, que defendia e dava vivas à usina de Kararaô.

A construção da hidrelétrica transformou o Centro Comunitário da Prefeitura de Altamira em um verdadeiro fórum internacional de debates sobre ecologia — em especial, a preservação da Amazônia. O Centro é, basicamente, um ginásio de esportes, cuja arquibancada foi transformada em auditório. Estava ornamentado com faixas contra a usina, como "Pela vida dos índios e de seu ambiente, não à barragem", do Conselho Indígenista Missionário (CIMI), ou "Apoio aos povos indígenas contra a barragem", da Prelazia do Xingu. Os índios chegavam lá de ônibus, por volta das 8h, e retornavam à Chácara Betânia ao meio-dia, para almoçar. À tarde, voltavam e permaneciam até às 18h.

Na verdade, eles não estavam acampados, como achavam muitos brancos que por lá passaram. Para garantir seu conforto, tiveram o cuidado de reproduzir uma aldeia indígena, mesmo porque provavelmente não se sentiriam à vontade em um acampamento. Betânia oferecia possibilidade de caça, pesca, higiene, e também segurança contra eventuais hostilidades. É fechada, cercada por densa mata, onde os índios caçavam jabutis, e abriga um lindo igarapé, onde eles pescavam e tomavam banho. A paz e o sossego, no entanto, só eram encontrados no final da tarde e durante a noite, quando os índios, sozinhos, podiam conversar entre si, estreitando relacionamentos.

Logo na segunda-feira, primeiro dia de debates, eles entraram no Centro cantando e dançando muito, sendo demoradamente aplaudidos. Em seguida, acomodaram-se para o começo da solenidade, sentados no chão da quadra, sobre folhas de palmeiras. Cadeiras, somente para os membros da mesa, que precisavam ficar em destaque para ser melhor visualizados. O encontro foi oficialmente aberto pelo líder caiapó Payakan. Em um emocionado e breve discurso, ele saudou a união de seus parentes e evocou a memória do ecologista e líder sindical Chico Mendes, assassinado no ano passado.

Neste momento, uma índia, que não se identificou, levantou-se e fez um comovente apelo: "Será que não temos futuro? Meus netos estão aqui e têm direito a viver. O branco tem que respeitar o índio." O tom do encontro, contudo, no primeiro dia, foi dado por Davi Yanomami, falando com a medalha de seu prêmio na ONU, pendurada ao peito: "Não vim aqui passear. Os índios não querem sofrer; querem viver. Os brancos ricos estão invadindo nossa área, matando nossa gente. Tenho que defender meu povo contra os garimpeiros e a



No festival de celebridades, a deputada carioca

barragem." Tão logo cessaram os aplausos, Yanomami recebeu a solidariedade de Camilo Viana, presidente da Sopren (Sociedade de Preservação dos Recursos Naturais da Amazônia), que ajudou na organização do encontro. Ele pediu desculpas aos índios pelas indignidades cometidas pelos brancos, que desvirtuaram tradições e culturas. E prometeu: "Somos mais de 20 mil, e assumimos o compromisso de impedir a construção da barragem."

Foi muito aplaudido. As vaias ficaram mesmo para o presidente do Instituto Nacional do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis, Fernando César Mesquita, representando o governo federal. "Estou orgulhoso como brasileiro de que possamos estar discutindo a preservação desta Amazônia de 514 milhões de hectares e a situação do índio. Muitos povos que hoje nos criticam já devastaram suas florestas. Concordo que houve indignidades contra os índios, mas o governo Sarney está encarando esta questão de frente e minha presença aqui atesta isso", frisou Mesquita.

Mas o ponto culminante do encontro foi sem dúvida a intervenção da índia Tuira. Parecia mais um dia de debates. Logo na chegada dos índios ao Centro Comunitário, no entanto, percebeu-se que não era. Nem todos se sen-

O ex-cacique Juruna confabulou com o deputado





Bené com a índia Tuíra. Embaixo, o físico Lutzemberg com Raoni. O cantor Sting foi presença polêmica.

taram no chão. Vários ficaram em pé, fazendo um círculo à volta do grupo, com suas armas apontadas para a mesa. O motivo do alerta era um só: a presença do diretor da Eletronorte, José Muniz Lopes. Aberta a solenidade, ele começou a explicar que a empresa não tem poder decisório; somente estuda os rios da Amazônia — como o Tocantins, Araguaia, Xingu, Tapajós e Madeira — para identificar locais capazes de receberem hidrelétricas. “Estudávamos o Xingu desde 1975, medindo a vazão da água em vários trechos, e acabamos achando dois ótimos pontos: Babaquara e Kararaô”, dizia Muniz. Só chegou até aí. Quando falou a palavra Kararaô, Porekro, tio de Payakan, correu para a frente da mesa, brandindo sua borduna: “Vocês acham o quê? Como vêm a gente? Não sei o que significa energia. Fui criado pela minha mãe com caça, pesca, mel de abelha e palmito. Não admito construção de barragem nenhuma”, protestou ele, sempre traduzido por Payakan. Muniz tomou um susto.

Nada comparado, porém, ao que viveria segundos depois. Gritando muito, a índia Tuíra investiu em sua direção e, com um facão em punho, tocou-lhe diversas vezes os dois lados da face, com movimentos rápidos e alternados. Muniz ficou lívido, mas teve presença de espírito para não se mexer. Payakan não inter-

feriu. Quando Tuíra se afastou, muito nervosa, o tumulto estava instalado. Os índios se levantaram e começaram a cantar e a dançar, sempre com flechas, lanças, bordunas e tacapes levantados. Jorge Terena (primo de Marcos), que fala fluentemente o inglês e coordenou os contatos com a imprensa estrangeira, pediu calma aos correspondentes, muito assustados com o clima. “Não tenham medo, isto é tradição”, tranquilizou. Mais tarde, ainda sobresaltado, Muniz confessou: “Tenho contato com os índios desde 1979 e já vivi situações piores. Mas se dissesse que não tive medo estaria mentindo.”

Muito pressionado, ele resolveu anunciar que o presidente da Eletronorte, Miguel Nunes, autorizara a troca do nome da usina. A notícia foi bem recebida, e Payakan, para demonstrar o acerto da iniciativa, pediu ao líder Tuto-Pombo que mostrasse a todos os efeitos do grito de guerra Kararaô, sobre os índios. Foi uma loucura. Eles se levantaram, empunhando as armas, dançando em círculos e gritando muito.

Nos dias seguintes, a calma voltou a reinar e, entremeados aos debates, tornou-se inevitável um certo clima de folclore e *tietagem*, provocado involuntariamente pela presença em Altamira do roqueiro inglês Sting e da atriz Lucélia Santos. Participando da mesa, Lucélia

chegou a declarar: “Este é o encontro mais importante de que já participei desde que me tornei uma militante.” Sting, sempre escoltado pelo cacique Raoni, teve, entretanto, sua presença no local questionada pelo cacique Payakan: “Você veio aqui para nos ajudar ou para aparecer?” Na manhã seguinte, o cantor-ecologista deixava Altamira, desenhando-se, a partir daí, boatos de que teria sido expulso da cidade.

Na verdade, a presença de Sting em Altamira não agradou aos índios. Seu acompanhante, o produtor de documentários Jean Pierre Dutilieux, que organizou a visita, não teve habilidade. Após a audiência no Palácio do Planalto, simplesmente promoveu uma viagem do cantor pelas aldeias do Xingu, *sequestrando* junto o cacique Raoni, quando este deveria estar em Altamira para o encontro, levado por um avião da Funai. Já na cidade, Jean Pierre “escondeu” o cacique na fazenda em que Sting se hospedou, antes de seguir para a Chácara Betânia. Por isso, o primeiro contato do cantor com o cacique Payakan não foi amistoso.

O telegrama enviado pelo Papa João Paulo II, abençoando todos os participantes da solenidade e manifestando sua solidariedade com a causa indígena, chegou como uma ducha para os ânimos mais exaltados.

SEGUE

britânico Tan Dalyell. Na foto maior, a apoteose do encerramento do encontro: lideranças indígenas, parlamentares e ecologistas unidos contra a hidrelétrica.





Maís adiante, durante o debate de ecologistas, a novidade foi a proposta apresentada pelo deputado inglês Tan Dalyell. Depois de anunciar que pretende pressionar o Banco Mundial a não fornecer os US\$ 500 milhões para projetos hidrelétricos na Amazônia, sugeriu que o Brasil deveria estreitar contatos com os Estados Unidos e Alemanha no sentido de aprimorar suas usinas nucleares. “A energia nuclear é mais segura e evitaria a destruição da Amazônia por hidrelétricas”, sustentou Dalyell, deixando perplexa uma platéia de ecologistas. Outro parlamentar europeu, o deputado belga Paul Staes, também revelou que está lutando junto ao Bird pelo cancelamento de financiamentos para projetos no Brasil. “Conseguimos, inclusive, a suspensão de uma linha de crédito para Carajás”, revelou sob aplausos.

Carajás foi o exemplo usado pelo físico e ecologista José Lutzenberger, Prêmio Nobel Alternativo de 87, para ironizar o temor do Governo por uma eventual internacionalização da Amazônia. “O governo fala de forças sinistras que querem internacionalizar a Amazônia. Isso é pura chantagem emocional. Ela já está internacionalizada. Afinal, o que é Carajás?”, questionou, referindo-se à “evasão de todo o nosso ouro para o exterior”. Lutzenberger defendeu, ainda, a construção de pequenas barragens — “são mais baratas e produzem energia suficiente para o país” — e exaltou o encontro dos índios: “É um marco de conscientização para a população do mundo inteiro.”

O marco a que se referiu o físico foi reforçado por um encerramento que não poderia ter sido mais perfeito. Com o Centro Comunitário completamente lotado, os índios cantaram e dançaram como nunca, deixando eletrizada

AS NAÇÕES INDÍGENAS RECEBERAM A SOLIDARIEDADE MUNDIAL

A irmandade do índio com a floresta amazônica atravessa gerações. Na luta contra a hidrelétrica no Xingu está embutida, para eles, a preservação de um povo.

uma platéia que já descia das arquibancadas para participar mais de perto da festa. O disparo desta cena extremamente emocionante foi provocado pela deputada federal Benedita da Silva, a Bené, do PT do Rio de Janeiro, que chegara minutos antes. Mesmo falando em português, ela fez um discurso tão contundente e inflamado que parece ter sido entendido pelos índios. “Não permitiremos que seja erguida a barragem pelos representantes de um governo explorador, que só tem trazido a confusão. Eu conheço a discriminação que vocês estão sofrendo, porque sou mulher e negra”, disse Bené, emocionada. Muitas pessoas não contiveram as lágrimas, quando, em um gesto de impacto indescritível, o líder militar dos caiapós, Tuto-Pombo, coroou a deputada com um belo cocar. Foi apoteótico. Payakan, Raoni, Davi Yanomani, Marcos Terena, Ailton Krenak, Pombo e vários deputados presentes se deram as mãos e, de pé, saudaram a multidão. O documento final do encontro, a Declaração Indígena de Altamira, lida por Krenak, não ficou a dever em sensibilidade e emoção: “As nações indígenas do Xingu, junto com parentes de muitas regiões do Brasil e do mundo, afirmam que é preciso respeitar a nossa Mãe Natureza. Aconselhamos não destruí-

rem as florestas, os rios, que são nossos irmãos. Decidimos que não queremos a construção das barragens no rio Xingu e em outros rios da Amazônia, pois ameaçam as nações indígenas e os ribeirinhos...”

Paralelamente ao encontro, estabeleceu-se no cenário internacional um clima de guerra fria com pressões, gestões, declarações pró e contra os investimentos na Amazônia, envolvendo entidades e sobretudo governos. Nesse jogo de pressões e contrapressões, destacou-se o encontro em Tóquio do presidente norte-americano George Bush com o primeiro-ministro japonês, Noboru Takeshita, quando Bush aconselhou o Japão a suspender eventuais financiamentos ao Brasil que pusessem em risco a integridade da Amazônia. A notícia chegou a Altamira como um petardo e foi celebrada como um autêntico gol pela torcida preservacionista. No dia seguinte, a Embaixada japonesa, em Brasília, negava qualquer envolvimento daquele país na controversa Rodovia BR-364, que pretende ligar o Acre ao litoral peruano, devastando trechos da floresta.

A última atividade dos índios em Altamira foi uma festa, o Baridjnkô, ou *dança do milho*, que eles realizam para celebrar a colheita nesta época do ano. A próxima, porém, será a luta. As principais lideranças indígenas — Payakan, Raoni, Tuto-Pombo, Benjamim Xavante, Kube-I, Marcos Terena e Ailton Krenak — vão-se reunir no Rio, com o cantor Milton Nascimento, que não pôde ir a Altamira, mas enviou telegrama de solidariedade, para discutir um projeto que ajude a causa indígena. Um disco, lançado internacionalmente, com os direitos revertidos para a União das Nações Indígenas, pode ser o primeiro passo desse esforço conjunto. Pela terra e pela paz.